

EUA ainda não têm uma política industrial

Subsídios, tarifas e boas intenções não equivalem ao que é necessário

Por Rana Foroohar

Valor, 19/03/2024

Os boatos a respeito de uma política industrial nos Estados Unidos têm sido muito exagerados. Isso pode ser surpreendente para alguns. Afinal, o governo do presidente Joe Biden reafirmou o papel do Estado na economia americana de maneiras que não víamos há meio século: com apoio à reindustrialização, subsídios para setores estratégicos, estímulo para os sindicatos, revisão das relações comerciais e reformulação da política de concorrência.

Mas essas são políticas separadas e não um sistema operacional novo em sua essência. No nível intelectual, é bastante evidente que uma grande mudança de direção está em curso na esquerda política dos EUA e, até certo ponto, também na direita. Os dois lados endossaram tarifas, subsídios e outras intervenções governamentais. O Estado com certeza será mais dominante, não importa quem vença as eleições presidenciais em novembro.

Política industrial, porém, tem a ver com conseguir realizar certas coisas no mundo real, como reequilibrar o consumo e a produção dentro de uma economia, reduzir a desigualdade e promover tipos de crescimento melhores e mais sustentáveis, desenvolver uma força de trabalho mais competitiva em nível mundial, encontrar um meio-termo entre a inovação e a regulamentação e assim por diante. Para fazer isso, é necessário que existam conexões reais entre as partes interessadas que importam: ou seja, empresas, força de trabalho, instituições de ensino, sociedade civil e governo em todos os níveis.

Nós mal começamos a tratar desse desafio nos EUA. Se a Europa é uma tecnocracia e a China, uma autocracia, os EUA podem ser descritos como uma grande corporação burocrática, um conglomerado que é tão massivo, complexo, diversificado e centrado nos próprios interesses que têm dificuldade para funcionar de forma eficaz ou produtiva. As operações são compartimentalizadas. A atividade rentista é generalizada. Divisões não conseguem trabalhar juntas.

Não só os setores público e privado existem em esferas separadas em grande medida, mas dentro dessas esferas as pessoas certas com frequência não estão na mesma sala para as discussões mais importantes. Começemos pelo governo federal. O governo Biden é um dos mais colaborativos que já vi nos meus 33 anos de jornalismo. Mas mesmo nele se observam grandes falhas na comunicação e nos objetivos políticos entre, digamos, o Departamento do Comércio e o Escritório do Representante Comercial dos EUA (USTR) ou entre o Pentágono e o Tesouro.

Isso é um problema quando se tenta mudar a natureza inteira da economia americana. Será que resiliência significa fechar novos acordos comerciais na Ásia para se contrapor à China, que parece ser a abordagem do Departamento do Comércio? Ou significa pressionar por um sistema de comércio completamente novo, como quer o USTR? Devemos acelerar a reindustrialização e a redução dos riscos relativos à China por uma questão de segurança,

como muitas pessoas nos círculos da área da defesa preconizam, ou adotar uma abordagem incremental e tentar apaziguar as coisas com Pequim para evitar uma guerra comercial ou a inflação, a opinião do Tesouro?

Na Casa Branca há uma concordância generalizada com a ideia de que estamos deixando para trás a mitologia de mercados eficientes que sempre se corrigem sozinhos para entrar em uma era em que o setor público terá de dar mais cutucadas, ou “marketcrafting” (algo como esculpir o mercado) como alguns diriam, para garantir resultados econômica e politicamente estáveis. Lidar com problemas grandes e complexos, como as mudanças climáticas ou a desigualdade social e a resultante instabilidade política, são dois bons exemplos de onde isso é necessário. Mas não existe uma nova teoria do campo unificado sobre como fazer isso. Ou sobre a rapidez com que deveria acontecer. Algumas autoridades são a favor do incrementalismo; outras defendem a mudança do sistema.

Os EUA são a terra dos serviços de saúde privados, dos condomínios fechados, da falta de representantes trabalhistas nos conselhos das empresas e de baixo senso de coletivismo. Talvez um pouco mais de reflexão conjunta sobre para onde o país vai seria bom para o mundo todo

Acrescente-se a essa mistura de discordâncias o fato de que grande parte do que constituiria uma política industrial inteligente - como a reforma do ensino - é feita em nível de Estado, o que significa que é inerentemente balcanizada e politizada. Então acrescente-se o fato de que empresas e educadores na verdade não conversam de uma maneira sistêmica sobre como seria a força de trabalho do século 21 ou sobre como criá-la. Isso significa que, mesmo que aconteça uma disponibilidade rápida de dólares de estímulo, é possível que não haja trabalhadores qualificados em número suficiente para preencher os postos abertos.

E não vou nem falar sobre como a relação violentamente disfuncional entre empresas e força de trabalho nos EUA atrapalha tudo, desde cursos de capacitação até a inclusão econômica, a produtividade e o crescimento do PIB como um todo.

Aqui estou traçando o quadro em linhas gerais e há muitos exemplos contrários isolados. Em nível local ou mesmo estadual, tem havido avanços em ligar os pontos entre capital, governo e interesse público de maneiras que promovam o crescimento mais sustentável e a inclusão. E talvez esses êxitos locais constituam seu tipo próprio de estratégia industrial descentralizada. Ao transmitir os desafios em nível nacional e ao financiar a mudança nos locais que precisam dela (os condados que estão em dificuldades econômicas têm recebido o dobro do montante de investimentos setoriais estratégicos em relação a seus PIBs), o êxito local pode se transformar em algo maior.

Mas suspeito que os EUA ainda precisarão pensar de forma mais sistêmica e estratégica sobre os desafios do momento. Quando os europeus, em particular, criticam a movimentação dos EUA na direção de uma política industrial, eles deveriam lembrar que os EUA estão começando do zero. Esta é a terra dos serviços de saúde privatizados, dos condomínios fechados, da falta de representantes trabalhistas nos conselhos das empresas e de muito pouco senso de coletivismo. Talvez um pouco mais de reflexão conjunta sobre para onde o país está indo e como chegar lá seria bom não apenas para os EUA, mas para o mundo todo.

(Tradução de Lilian Carmona)

Rana Foroohar é editora especial do Financial Times em Nova York.